



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES - IDA
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

RAYLTON JOSÉ PARGA DOURADO

IMPRESSÕES EM CIANOTIPIA

Brasília - DF

2022

Raylton José Parga Dourado

IMPRESSÕES EM CIANOTIPIA

Raylton José Parga Dourado

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura
em Artes Visuais, do Departamento de Artes
Visuais do Instituto de Artes da Universidade de
Brasília.

Orientadora: Prof^a. Dra. Nivalda Assunção de
Araújo.

Brasília - DF

2022

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora Nivalda Assunção, minha orientadora, pela parceria e pela troca valiosa, facilitando o desenvolvimento desta pesquisa. Por me proporcionar todo o conhecimento acerca da cianotipia desde 2016 e de lá eu passaria minha graduação toda desenvolvendo essa linguagem que amo demais, obrigado por sua amizade.

Aos professores e funcionários do Departamento de Artes Visuais/IdA pelos ensinamentos e apoio. Agradeço, especialmente, às professoras Andréa Campos de Sá e Havane Melo, pela participação na banca de defesa do TCC.

À Universidade de Brasília pela oportunidade do estudo gratuito e de qualidade; sendo um estudante periférico, tive auxílio socioeconômico e moradia na casa do estudante.

Aos colegas e amigos pelos momentos inesquecíveis, especialmente a Ana Lídia, a vi pela primeira vez na prova de habilidade específica, nunca imaginaria que seríamos tão próximos. À Rick Kennedy, por me apoiar lá no início.

Às queridas amigas Kethelen Damasceno, minha Xaravá no tucupi, ao seu lado tivemos tantos momentos engraçados, divertidos. E a ela esse grande girassol de luz, Marcella Souza. À maravilhosa Raienne Pereira, pela amizade e parceria na cianotipia.

À minha mãe Rosa Parga, pelos conselhos e orientações. À minha tia Isabel Cavalcante, por todo incentivo de sempre prosseguir com os estudos.

Às minhas ex-professoras Marlene Costa e Zuleide que pude ter trocas valiosas e fui muito aconselhado.

À Leninha, a todos os seus conselhos, uma senhora especial que foi como uma segunda mãe para mim.

Ao meu marido Victor Hugo, você também tem importância nessa trajetória. Te amo, vida.

Obrigado Deus e universo, sou a pessoa mais feliz.

RESUMO

Esse trabalho propõe um passeio visual reflexivo sobre a cianotipia, fotografia alternativa inventada na metade do século XIX. Dediquei um longo período à minha formação no departamento de Artes Visuais/IdA/UnB, experimentando e catalogando os testes no laboratório de fotografia com o intuito de dominar o assunto e construir um acervo de imagens. A temática partiu de experiências em disciplinas, oficinas e exposições relacionadas a essa linguagem e técnica. O texto apresenta o percurso de desenvolvimento e registro de todas as etapas necessárias do processo. Desde a adequação do espaço físico passando pela elaboração das máscaras, preparação das fórmulas químicas até a revelação das imagens. Alguns artistas são citados como contribuição na reflexão conceitual e referências poéticas.

Palavras-chave: 1. Cianotipia; 2. Fotografia; 3. Soluções Químicas; 4. Sol; 5. Água.

ABSTRACT

This work proposes a reflective visual tour of cyanotype, an alternative photography invented in the mid-nineteenth century. I dedicated a long period to my training in the Visual Arts department/IdA/UnB, experimenting and cataloging the tests in the photography laboratory in order to master the subject and build a collection of images. The theme came from experiences in disciplines, workshops and exhibitions related to this language and technique. The text presents the course of development and registration of all the necessary stages of the process. From the adequacy of the physical space through the preparation of masks, preparation of chemical solutions to the development of images. Some artists are cited as contributions to conceptual reflection and poetic references.

Keywords: 1. Blueprint; 2. Photography; 3. Chemical Solutions; 4. Sun; 5. Water.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE IMAGEM	8
TRAJETÓRIA	9
INTRODUÇÃO	10
PARTE 1 - LABORATÓRIOS	11
1.1. Laboratório: espaço e função.	11
1.2. Laboratório: composição e fórmula.	12
1.3. Laboratório: sol e água.	15
1.4. Laboratório: processo e experiência.	16
PARTE 2 - Contexto histórico e referências artísticas:	18
PARTE 3 - Produção Autoral:	25
3.1. Montagem e composição:	26
3.2. Formas e conteúdo:	29
3.2.1. Impressões em Cianotipia:	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
ANEXO	36

ÍNDICE DE IMAGEM

Figura 1. Sala de foto 1, VIS/IdA/UnB, 2022.	13
Figura 2. Mostruário de materiais e suportes, 2022.	14
Figura 3. Mistura dos químicos: Citrato de ferro amoniacal de grãos verdes e Ferricianeto de potássio e recipiente de cor escura.	15
Figura 4. Sensibilização do papel em sala escura, 2022.	15
Figura 5. Sensibilização do suporte papel na sala escura, 2022.	16
Figura 6. Processo de aplicação da emulsão sobre o papel.	16
Figura 7. Processo de exposição, lavagem e secagem, 2022.	17
Figura 8. Raylton Parga, Finos, cianotipia sobre papel Montval, 2016.	18
Figura 9. Raylton Parga, início 1, 2 e 3, cianotipia sobre papel Montval, 2016.	18
Figura 10. Anna Atkins (British, 1799–1871), Photographs of British Algae: Cyanotype Impressions, 1853.	21
Figura 11. Christian Ernest Marclay, Allover Kenny Rogers, Rod Stewart, Jody Watley, and Others, Cyanotype, 2008.	22
Figura 12. Raylton Parga, Círculos azuis e branco, cianotipia sobre lona de tela, 2017.	22
Figuras 13 e 14. Christian Marclay creates a cassette grid cyanotype at USF Graphicstudio. Cyanotype, Mashup I, Large Cassette Grid No.3, 2009.	23
Figura 15. Christian Marclay (center) producing a unique cyanotype at Graphicstudio, University of South Florida, Tampa.	23
Figuras 16 e 17. Do Ho Suh, Cyanotype, Circular Objects, New York, London, Berlin, Providence and Seoul, Homes and Studios, 2018. Do Ho Suh, Door Lock, 310 Union Wharf, 23 Wenlock Road, London, N1 7ST, UK, 2019.	24
Figura 18. Do Ho Suh, Door Lock, 310 Union Wharf, 23 Wenlock Road, London, N1 7ST, UK, 2019.	25
Figura 19. Raylton Parga, Juntos 1 e 2, cianotipia sobre lona, 2017. Fonte: Própria.	25
Figuras 20 e 21. Raylton Parga, exposição PG, cianotipia papel, 2017-2018. Resultado 26, cianotipia sobre papel, 2017-2018. Fonte: Própria.	28
Figura 22. Exposição ao sol, 2017-2018. Fonte: Própria.	28
Figura 23. Raylton Parga, variações, cianotipia sobre papel, 2017.	29
Figura 24. Raylton Parga, Espaços de Kapoor, cianotipia sobre papel, 2017.	30
Figuras 25 e 26. Raylton Parga, círculos juntos, cianotipia sobre papel, 2017. Objetos da sala, cianotipia sobre papel, 2017.	32
Figura 27. Raylton Parga, IMPRESSÕES EM CIANOTIPIA, Exposição A bordo, em Bordas, 2022.	33

TRAJETÓRIA

Experiência com a fotografia e a Cianotipia na UnB:

Meu primeiro contato com a fotografia e a cianotipia ocorreu em maio de 2016, na Universidade de Brasília. Até então, eu não tinha nenhum conhecimento sobre essa linguagem. Um certo dia estava sentado no corredor do departamento de Artes Visuais/IdA, após uma aula de FLV (Fundamentos da Linguagem Visual), quando a professora Nivalda Assunção estava passando e me perguntou o que eu estava fazendo ali sentado sozinho. Como eu só estava aguardando a próxima aula, fui convidado para assistir a aula de fotografia ministrada por ela. Lá conversamos um pouco sobre a universidade, o curso e principalmente sobre fotografia.

Nos semestres seguintes, cursei as disciplinas de Fotografia 1 e Fotografia 2, onde tive a oportunidade e a satisfação de conhecer essa linguagem e diferentes técnicas necessárias em todo o processo de obtenção da imagem. Mas foi nas atividades de extensão do VIS, sobre fotografia alternativa especificamente de cianotipia, goma bicromatada e van deyck, que passei a me interessar efetivamente pela linguagem. Direcionei as experiências mais a fundo em cianotipia nessas oficinas, onde me dediquei bastante explorando suportes, técnicas e imagens.

O domínio da parte laboratorial, composição de fórmulas e preparação dos químicos foi aprofundado na pesquisa do PIBIC intitulada *Experimentos fotográficos com cianotipia em diferentes suportes*, realizada em 2018 com orientação da professora Nivalda Assunção.

Em 2019, último ano antes da pandemia, ministrei duas oficinas de cianotipia na Semana Universitária. Elas foram abertas à comunidade externa da universidade e aconteceram com sucesso no laboratório do VIS.

Esse percurso direcionado especificamente para a cianotipia me proporcionou domínio prático e teórico da fotografia alternativa. Nesse sentido, penso em aprimorar meu repertório artístico e expandir mais ainda a prática docente aprimorando esses conteúdos para aplicação nas escolas do Distrito Federal e entorno.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho de conclusão de curso de graduação propõe um recorte sobre a fotografia intitulado *Impressões em cianotipia*. A escolha temática, conceitual e visual se deu pelas experiências em disciplinas, oficinas e exposições realizadas durante o período de minha formação no Instituto de Artes/IdA/UnB.

A primeira parte do texto apresenta o percurso de desenvolvimento e registro de todas as etapas necessárias para construção e catalogação do processo. Desde a adequação do espaço físico, passando pela elaboração das máscaras, preparação das fórmulas químicas até a revelação das imagens.

A segunda parte traz um apanhado histórico sobre os primórdios da cianotipia contextualizando seu surgimento no século XIX. As primeiras pesquisas científicas e artísticas que utilizam essa linguagem e técnica imprimindo a cor azul nas representações botânicas. Assim como outras referências de artistas contemporâneos que influenciaram em minha pesquisa.

A terceira e última parte é dedicada à produção poética realizada durante meu aprendizado em diferentes disciplinas práticas, como pintura, escultura, desenho, entre outras, relacionando-as com a fotografia. Parte dessa produção foi mostrada em exposições realizadas na Galeria da UnB, na Galeria Fábrica e na Galeria Espaço Piloto.

Finalmente concluo com a proposição recente de *Impressões em cianotipia*, como proposta para a exposição de conclusão do curso. Após um longo período de pandemia, devido ao COVID 19, retornei ao laboratório de fotografia do VIS para preparar as cianotipias que apresento em *A bordo, em Bordas*, exposição coletiva dos diplomados em arte.

PARTE 1 - LABORATÓRIOS

1.1. Laboratório: espaço e função.



Fig. 1. Sala de foto 1, VIS/IdA/UnB, 2022. Fonte: Própria.

O espaço físico destinado às aulas de fotografia no departamento de artes visuais é composto por um laboratório e uma sala/ateliê semiescuro, integrada ao jardim aberto ao sol. Esse ambiente me parece muito apropriado e aconchegante para desenvolver a fotografia alternativa em questão. Ele comporta por volta de 15 pessoas trabalhando em fases diferentes nos três espaços. Nele podem ser desenvolvidas atividades práticas e teóricas, individuais ou coletivas.

A preparação dos químicos é feita, normalmente, em espaço com baixa iluminação incandescente para proteger as soluções fotossensíveis a serem aplicadas no suporte. Esse procedimento é realizado na câmara escura, apenas com luz vermelha até a secagem total do líquido aplicado. Ali também é montado a prensa com o suporte e a máscara a ser exposta ao sol. A fixação, a revelação em água e a secagem do trabalho no varal são ações feitas no jardim anexo.

1.2. Laboratório: composição e fórmula.



Fig. 2. Mostruário de materiais e suportes, 2022. Fonte: Própria.

O citrato férrico amoniacal de grãos verdes e o ferrocianeto de potássio diluídos em água destilada são os componentes da solução sensibilizadora chamada cianótipo. Esses componentes químicos são encontrados em forma granulada ou em pó. Cada solução deve ser armazenada em frascos de cores escuras separadamente. No entanto, a emulsão a ser aplicada é a composição das duas, misturadas em um único frasco. Ela deve ser acondicionada em ambiente escuro para garantir sua qualidade e durabilidade.

A fórmula do cianótipo apresenta pequenas variações de acordo com pesquisadores. Nesta pesquisa utilizou-se a fórmula disponibilizada no livro "Fotografia Pensante" de Luiz Guimarães Monforte (1997):

Solução A:

50 g de Citrato Férrico Amoniacal de Cristais Verde;

200 ml de água destilada;

Solução B:

40 g de Ferrocianeto de Potássio;

250 ml de água destilada (MONFORTE, p.84,1997).

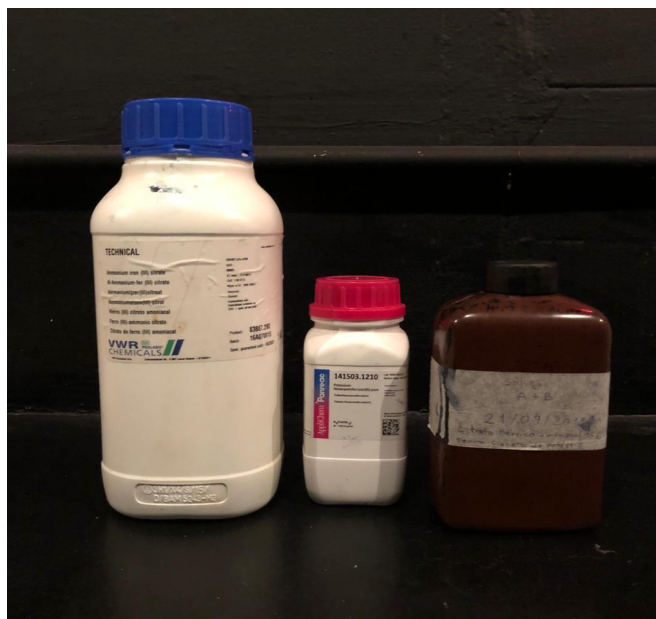


Fig. 3. Mistura dos químicos: Citrato de ferro amoniacal de grãos verdes e Ferricianeto de potássio e recipiente de cor escura. Fonte: Própria.

Os químicos são vendidos separadamente em forma de pó e em grãos em lojas específicas. Devem ser armazenados em recipientes de cor escura bem fechados para proteger e manter a potência dos químicos. Cada um com sua etiqueta de identificação, a quantidade, a data de fabricação e a letra A ou B, no caso dos químicos diluídos em água. Citrato férrico amoniacal de grãos verdes é chamado de solução A, e o Ferricianeto de potássio solução B.

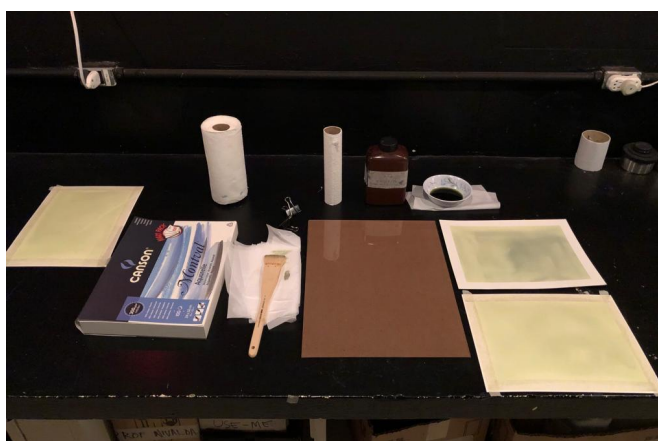


Fig. 4. Sensibilização do papel em sala escura, 2022. Fonte: Própria.

A sensibilização é feita em ambiente protegido de luz UV (ultravioleta). A emulsão deve ser aplicada com um pincel macio ou com uma esponja, na área desejada para a revelação da imagem a ser trabalhada.



Fig. 5. Sensibilização do suporte papel na sala escura, 2022. Fonte: Própria.

Para fazer uma cianotipia, recomenda-se o uso de um papel de gramatura alta, 300 gramas, ou maior, para que seja resistente ao sol e aos banhos de água. Os papéis mais adequados são aqueles feitos com fibras naturais e pH zero. O uso de outros suportes experimentais também está associado à resistência do material.

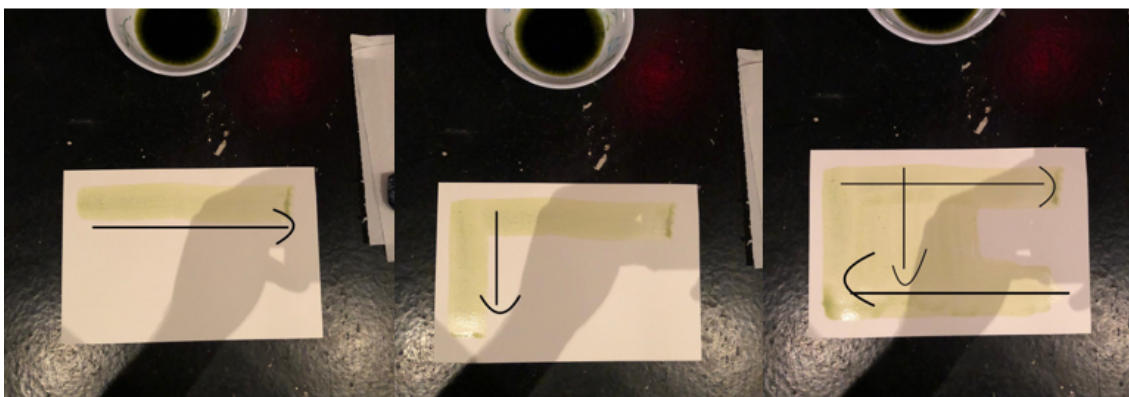


Fig. 6. Processo de aplicação da emulsão sobre o papel. Fonte: Própria.

Na hora de aplicar a emulsão, evitar passar o pincel várias vezes para não deixar manchas e marcas ou acúmulos de químicos em determinada área. Para um melhor acabamento, movimentar da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, subindo e descendo com o pincel. É importante que este esteja totalmente seco antes de ser levado à exposição ao sol. Pode-se acelerar a secagem utilizando um secador de cabelo.

1.3. Laboratório: sol e água.



Fig. 7. Processo de exposição, lavagem e secagem, 2022. Fonte: Própria.

A impressão pode ser feita por contacto de um negativo ou outros materiais. Utiliza-se uma prensa composta por uma base de madeira e um vidro plano de 4mm, para proteger e segurar o papel emulsionado. As fontes de luz apropriadas para exposição de um cianótipo são uma mesa com fonte de luz UV ou o sol como fonte mais adequada, o que nos estimula bastante a produzi-los em Brasília pela presença constante de sol intenso.

O tempo de exposição pode ser verificado por uma tira de testes ou pela observação da mudança da cor, adquirida com a prática e domínio técnico. A fixação da imagem sobre o suporte varia de acordo com o tempo de exposição e a intensidade do sol que muda com as condições climáticas. O acompanhamento desse processo é indispensável para o controle de tempo, ou seja, evitar a saturação ou até mesmo o desaparecimento da imagem.

A água é fundamental para a lavagem e retirada dos resíduos das soluções A e B. São feitos vários banhos em cubas separadas, o papel é mergulhado em cada recipiente com água limpa onde permanece por alguns minutos até sair todo o excesso da cor azulada. Em seguida, retira-se o suporte da água e pendura-se em um varal de corda para secar preso por pregadores de roupa. Após a secagem, manter as cianotipias em um envelope, pois os químicos continuam reagindo por volta de três dias intensificando a cor azul nas imagens.

1.4. Laboratório: processo e experiência.



Fig. 8. Raylton Parga, *Finos*, cianotipia sobre papel Montval, 2016. Fonte: Própria.

Minhas primeiras experiências, realizadas em 2016, foram feitas com folhas, plantas, mato e tudo que se remete à vegetação encontrada no VIS e em seus arredores. O que me interessava, na hora da coleta, era na maioria das vezes as plantas que continham um certo desgaste em suas raízes e em suas folhas. As raízes, por sua vez, eram aquelas coisas finas, delicadas, pequenas e grandes com diferentes tamanhos e espessuras, mas em sua delicadeza total, era o que me atraía. As folhas secas já vinham com o desgaste do tempo, com seus machucados, rasgos e fissuras. Tudo isso era propício para fazer as misturas que resultaram em várias composições distintas e criativas.



Fig. 9. Raylton Parga, início 1, 2 e 3, cianotipia sobre papel Montval, 2016. Fonte: Própria.

Logo comecei a inserir plantas também para as máscaras de papel preto. Elas eram utilizadas do jeito que eu as encontrava, sem fazer qualquer tipo de

interferência. Porém, no ato de fazer as máscaras eu tinha o ímpeto de misturar formas orgânicas aleatoriamente. O recorte ou o rasgo nesse papel traz infinitas possibilidades de composição com material orgânico ou até mesmo fotolitos.

Com o passar dos meses e dos anos, fui aperfeiçoando o conhecimento e domínio técnico da cianotipia incluindo o uso de outras máscaras, como, por exemplo, os fotolitos. Neles gravei imagens retiradas do Instagram, do google, de páginas em museus e galerias, de várias fontes, eram apenas imagens midiáticas para fazer meu trabalho.

As imagens apropriadas eram, por vezes, figuras de interiores de casas, galerias, espaços diversificados e ambientes com vários contrastes de cores e de elementos. Raramente apareciam pessoas, muitas das vezes as figuras de pessoas eram retiradas do Instagram. Hoje, com as redes sociais, há uma enxurrada de imagens disponíveis, o que me instiga a fazer interferências nas mesmas, assim como em fotolitos realizados por mim. Em alguns, desenhei sobre a imagem com caneta marcadora, usei máscaras de papel preto para vedar a entrada de luz e depois, fiz sobreposição de imagens.

No decorrer da aprendizagem, com a prática, fui conhecendo mais a cianotipia e adquirindo melhores resultados. Em meu percurso, o fazer se deu aos poucos, lá no início eu usava as plantas, depois vieram as máscaras, posteriormente introduzi os fotolitos. Foram vários momentos de ida e vinda, de dar certo e de não dar certo, mas na medida em que ia praticando, ia compreendendo cada vez mais. Quando se treina o olhar sobre o tempo de exposição ao sol e a lavagem dos suportes, sabe-se a hora certa de casa da fase do processo.

PARTE 2 - Contexto histórico e referências artísticas:

A cianotipia é um processo alternativo de desenvolvimento da imagem. Ela foi inventada no início da fotografia pelo astrônomo e cientista inglês Sir John Herschel (1792-1871). Sua característica principal é a cor azul, do grego “kýanos”, do qual se origina o nome. Ao longo do século XIX e XX, a maioria dos processos fotográficos era baseada em sais de prata. O que diferencia seu custo e acessibilidade pois essa fotografia não implica no uso da prata, mas das substâncias fotossensíveis baseadas em dois sais férricos: ferrocianeto de potássio e citrato férrico amoniacal. Quando misturados, produzem um composto químico.

Essa invenção é uma das inúmeras descobertas de Herschel, mesmo não sendo muito utilizada na época, por isso não se pode dizer que é a mais importante. A botânica inglesa Anna Atkins (1799 -1871), filha de um amigo de Herschel, catalogou plantas que foram colocadas sobre o papel como forma de manter um registro sem ter que desenhá-las. A primeira publicação ilustrada fotograficamente foi o livro de espécie botânica - *Photographs of British Algae: Cyanotype Impressions*.

Outra forma de uso dessa linguagem foi no processo de reprodução de baixo custo de cópias de desenhos e projetos de engenharia, conhecidos como *blueprints*, muito mais acessíveis que os negativos de gelatina de prata. Foi aplicado diversas vezes também para fazer impressão de testes ou folha de contato como material de prova. As cianotipias mais acessíveis são aquelas feitas por estudantes universitários na Inglaterra no final do século XIX.

Ao longo do século XX até hoje, a fotografia alternativa e experimental tem sido explorada em estúdios de artistas e de fotógrafos, universidades e grupos de pesquisa em diversos lugares, divulgando cada vez mais sua importância histórica e artística.



Fig. 10. Anna Atkins (British, 1799–1871), Photographs of British Algae: Cyanotype Impressions, 1853.

Muitos artistas contemporâneos utilizam processos alternativos fotográficos em suas obras. Dentre eles destaco dois importantes para minha pesquisa, Christian Ernest Marclay (1955 – atual) e Do Ho Suh (1962 – atual).

Marclay é artista visual e compositor suíço-americano. Nos últimos 30 anos, explorou a fusão de belas artes e culturas de áudio, transformando som e música em uma forma física visível por meio de performance, colagem, escultura, instalação, fotografia e vídeo.¹ O artista recupera a tecnologia obsoleta da fita cassete como ferramenta artística.

¹ https://whitecube.com/artists/artist/christian_marclay/



Fig. 11. Christian Ernest Marclay, *Allover* Kenny Rogers, Rod Stewart, Jody Watley, and Others, Cyanotype, 2008.

As cianotipias de Marclay são abstrações visuais a partir de fitas de vídeo cassete. Nessa composição, o artista desorganiza os objetos sobre o suporte, ele monta sem nenhuma pretensão, aparentemente, onde cada elemento vai se organizando sobre a base.

Me interessei pelo artista e seu campo vasto de pesquisa de linguagens e elementos utilizados em suas cianotipias, por volta de 2017.

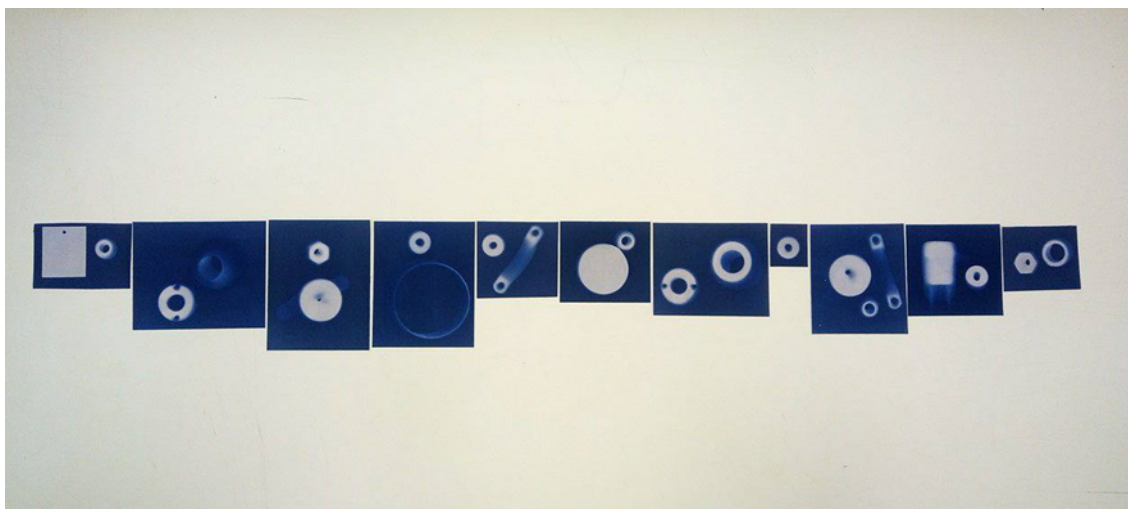


Fig. 12. Raylton Parga, *Círculos azuis e branco*, cianotipia sobre lona de tela, 2017. Fonte: Própria.

Círculos azuis e branco, título da composição em cianotipia realizada por mim em 2017, justamente quando comecei com os experimentos dessas formas repetidas buscando uma espécie de abstração visual, o que me inspirou em

Marclay. Em certo sentido os objetos da composição são também formas desorganizadas, geométricas e abstratas. Aqui, também pode funcionar como um jogo, deixando livre a ordem de cada fragmento.

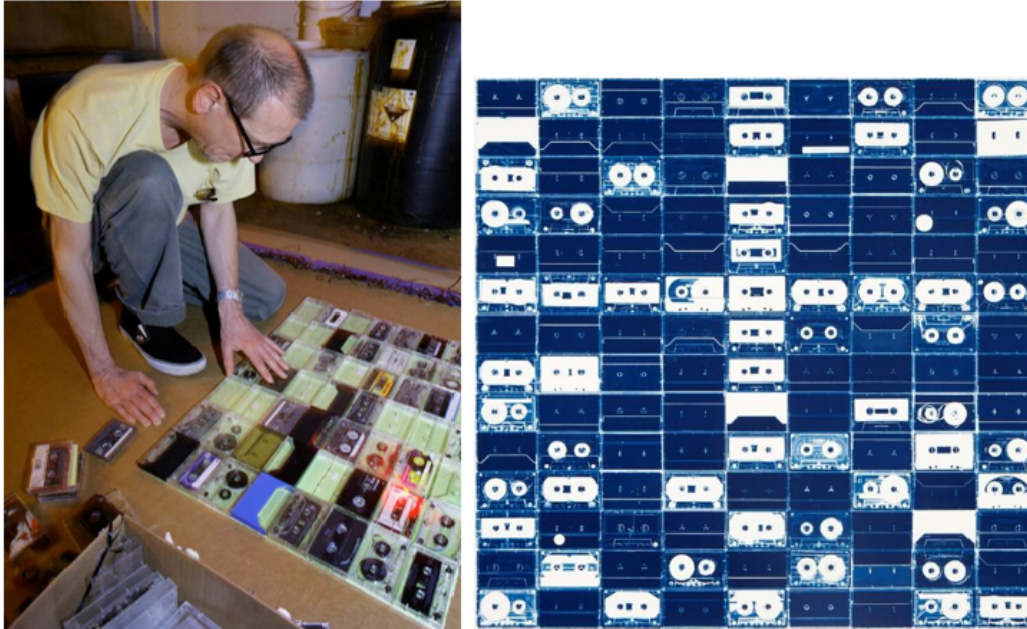


Fig. 13 e 14. Christian Marclay creates a cassette grid cyanotype at USF Graphicstudio. Cyanotype, Mashup I, Large Cassette Grid No.3, 2009.



Fig. 15. Christian Marclay (center) producing a unique cyanotype at Graphicstudio, University of South Florida, Tampa.

Do Ho Suh, nascido em Seul, Coréia do Sul, vive em Londres, Reino Unido. Trabalha em várias mídias, como desenhos, filmes e esculturas que confrontam

questões relacionadas à casa, espaço físico, deslocamento, memória, individualidade e coletividade.

Ele é mais conhecido por suas esculturas em tecidos, onde o artista reconstrói suas casas antigas na Coreia do Sul, Rhode Island, Berlim, Londres e Nova York. Suh se interessa pela maleabilidade do espaço em suas formas físicas e metafóricas e examina como o corpo se relaciona, habita e interage com esse espaço. E, particularmente, pelo espaço doméstico e pela forma como o conceito de casa pode ser articulado por meio da arquitetura que tem localização, forma e histórias específicas. Para Suh, os espaços que habitamos também contêm energia psicológica, e em seu trabalho ele torna visíveis esses marcadores de memórias².

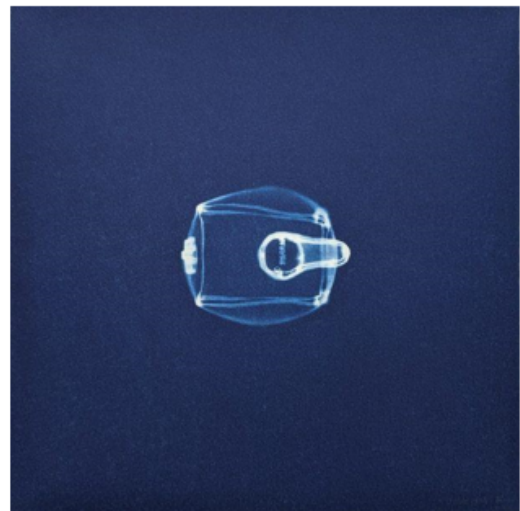


Fig. 16 e 17. Do Ho Suh, Cyanotype, Circular Objects, New York, London, Berlin, Providence and Seoul, Homes and Studios, 2018. Do Ho Suh, Door Lock, 310 Union Wharf, 23 Wenlock Road, London, N1 7ST, UK, 2019.

As cianotipias do artista Suh mostram o uso de elementos que compõem as casas habitadas por ele em diferentes lugares. São utilizados fragmentos de portas tais como, fechaduras, chaves, e olho mágico em suas composições. O procedimento utilizado pelo artista relaciona tanto a temática das casas como o processo de moldagem dos pequenos objetos em tecidos transparentes sobrepostos no suporte emulsionado.

² <https://www.lehmannmaupin.com/artists/do-ho-suh/biography>.



Fig. 18. Do Ho Suh, Door Lock, 310 Union Wharf, 23 Wenlock Road, London, N1 7ST, UK, 2019.

Um possível diálogo que estabeleço com a técnica e a linguagem de Do Ho Suh é visível na série de cianotipias nomeada *Juntos 1 e 2* elaborada em 2017. Esses trabalhos foram inspirados em elementos de construção, utilizados em reformas de prédios. Recolhi os objetos descartados e escolhia os que me agradavam naquele momento a ser usados nas impressões das cianotipias. Assim, imprimi as formas escolhidas em pequenos recortes de lona de tela crua.



Fig. 19. Raylton Parga, *Juntos 1 e 2*, cianotipia sobre lona, 2017. Fonte: Própria.

A imagem acima mostra duas composições, referentes aos resultados do uso tanto dos canos de metal quanto de braçadeiras, que também são objetos

relacionados à casa ou qualquer outra edificação. Essa temática é semelhante à de Suh, no entanto sua pesquisa contém algo totalmente afetivo, e não apenas pela atração desses objetos, seja pela forma ou pela sua funcionalidade.

De uma forma geral, muitas referências artísticas são de grande importância para meu percurso relacionado à cianotipia. O recorte que dos artistas foi no sentido de associar linguagens e temáticas contemporâneas na aplicação da cianotipia.

PARTE 3 - Produção Autoral:

Minha experiência com fotografia alternativa sempre se deu de uma forma ampla, transitando por muitos meios de criação de imagens, desde o fotograma com elementos aleatórios passando pela coleta de plantas, máscaras de papéis pretos e formas circulares como anel, aro, argola, arco, bolas, disco, rodas, canos, borrachas, tampas, etc. Os objetos eram geralmente escolhidos pelos tamanhos, espessuras, larguras e texturas diferenciadas. Utilizava o que ia encontrando pela frente, os que me interessavam visualmente ou que de alguma forma poderiam contribuir para uma criação de figuras. A cianotipia me permite criar várias coisas, de formas livres e investigativas, possibilitando uma gama de testes com inúmeros resultados.

Em geral, o círculo sempre me chamou a atenção pelo fato de ser um objeto com vários aspectos mantendo suas características básicas. Sendo, duro, mole, pesado, leve, fino, grosso, grande, pequeno, contendo porosidade, e por aí vai. Pois quando se expõe algum elemento sobre o papel sensibilizado, por mais fino ou mais detalhado que ele seja, vai ser revelado no suporte, até mesmo um fio de cabelo. No início quando comecei a usar as plantas o que realmente me interessava eram os finos fios de sua raiz.

Os objetos circulares e não circulares explorados em minha pesquisa, funcionaram de diferentes formas, tanto por meio da composição quanto no resultado plástico, pois quando expostos ao sol o resultado era diferenciado. Em caso de uso dos objetos tridimensionais, muitas vezes a exposição tem que acontecer na parte superior da prensa, onde fica o papel sensibilizado, então monta-se a prensa com o papel sensibilizado e depois coloca os objetos em cima, levando diretamente ao sol.

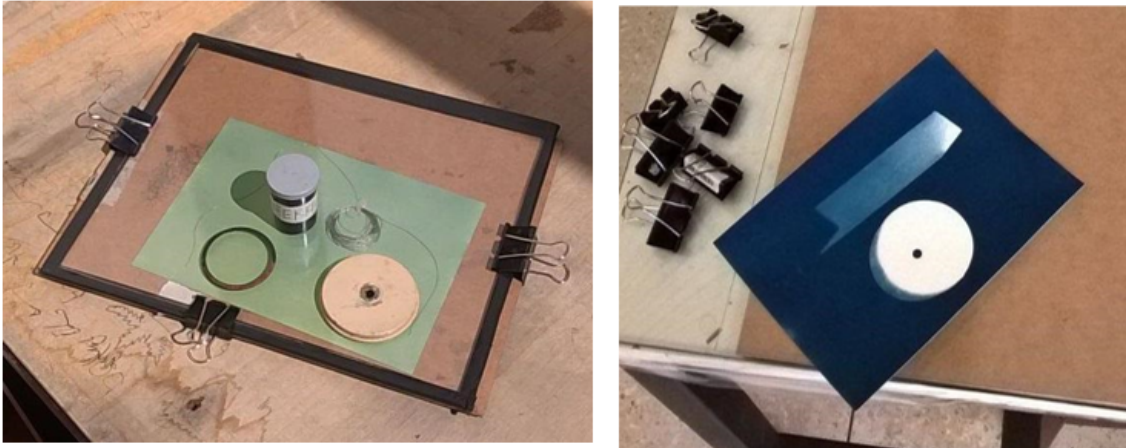


Fig. 20 e 21. Raylton Parga, exposição PG, cianotipia papel, 2017-2018. Resultado 26, cianotipia sobre papel, 2017-2018. Fonte: Própria.



Fig. 22. Exposição ao sol, 2017-2018. Fonte: Própria.

3.1. Montagem e composição:

A organização do trabalho se dá, normalmente, em grupos de imagens pequenas, médias ou grandes. Essa visão de grupo me atrai não só na composição das cianotipias como também em desenhos, fotografias e pinturas. A montagem fragmentada dessa maneira seduz de alguma forma o olhar do espectador, seja ele qual for.

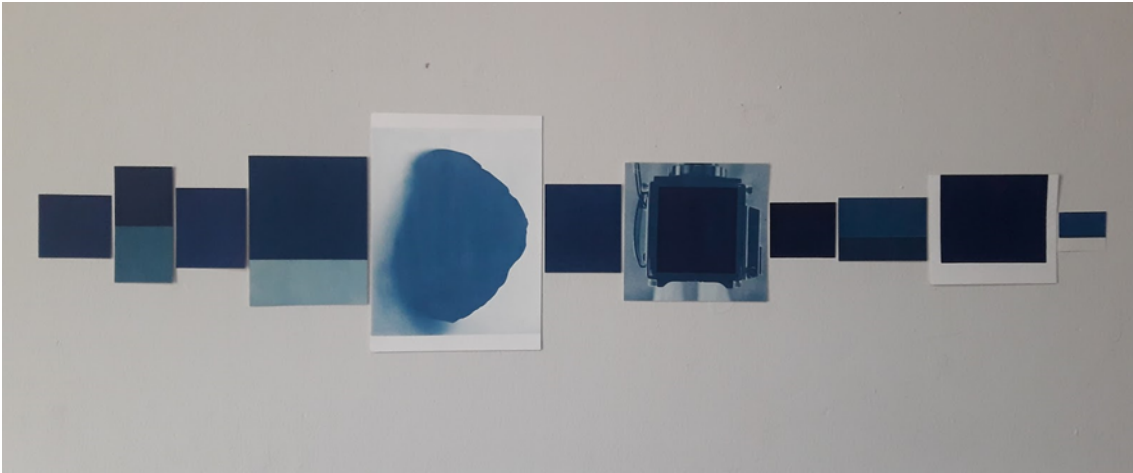


Fig. 23. Raylton Parga, *variações*, cianotipia sobre papel, 2017. Fonte: Própria.

A composição acima, impressa em papel montval, apresenta um trabalho específico como campo de cor obtido por meio de várias camadas de aplicação de emulsão. As figuras em tamanhos diversificados, são manchas orgânicas, sem definição, apenas áreas de cores com diferentes tonalidades de azul e branco.

À disposição das fotografias no espaço expositivo foram agrupadas por tamanhos, tonalidades e recortes diversificados, mas ligados de alguma forma. A composição final integra as diferentes imagens com seus aspectos formais específicos propondo uma montagem horizontal dinâmica com um resultado visual instigante.

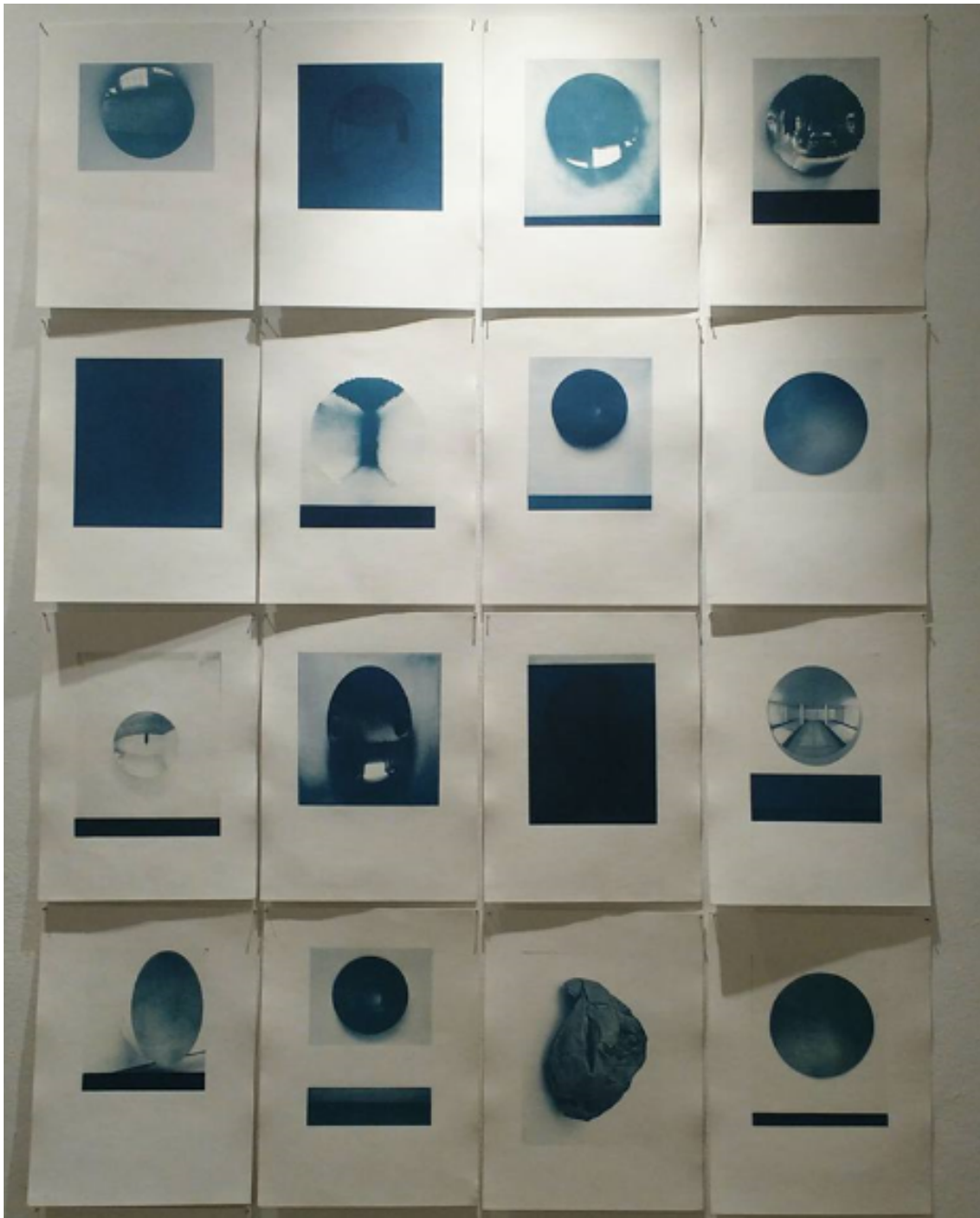


Fig. 24. Raylton Parga, *Espaços de Kapoor*, cianotipia sobre papel, 2017. Fonte: Própria.

A série intitulada *Espaços de Kapoor*, contém 16 cianotipias impressas, cada uma em papel de tamanho A3. Sua elaboração vem da busca de imagens da internet, especificamente da obra do artista Anish Kapoor. Dentre elas estão os registros de suas esculturas em galerias e museus abertos, onde se encontram as esculturas monumentais e os espelhos côncavos circulares.

As dezesseis imagens são figuras diferenciadas, cada uma foi impressa a partir de um fotolito, sendo um total de 16 fotolitos com diferentes negativos para as

exposições e até mesmo re-exposições. Cada trabalho mantém sua característica que, somado à montagem como um todo, ficou uniforme, ou seja, funcionou como uma proposta coletiva.

3.2. Formas e conteúdo:

Meus trabalhos artísticos sempre foram para o campo da abstração, na maior parte das vezes, eles apresentam um caráter mais geométrico. São campos de totalidade de cor, desde um azul mais claro até um azul intenso, devido a múltiplas exposições. O fato de utilizar imagens não autorais traz uma preocupação e cuidado para fazer uma seleção mais criteriosa visando imagens com características geométricas e sucintas.

Utilizei vários objetos encontrados, na época, no próprio laboratório de fotografia do departamento de Artes Visuais. Ali fiz inúmeras experiências mesclando máscaras de papel preto e fotolitos, assim como Man Ray montava suas Rayografias. A Rayografia são fotogramas personalizados, obtidos por meio do contato direto dos objetos sobre o papel fotográfico, produzindo um registro direto e único da forma do objeto, assim como de sua própria sombra. Ela difere de outras técnicas de múltipla copiagem na medida em que as imagens em fotolito e os outros elementos são fotografados simultaneamente no papel. Isso cria um efeito diferente da cópia de imagens sucessivas.



Fig. 25 e 26. Raylton Parga, *círculos juntos*, cianotipia sobre papel, 2017. Objetos da sala, cianotipia sobre papel, 2017. Fonte: Própria.

As figuras 25 e 26 apresentam dois fotogramas realizados com cianotipia a partir de objetos sobrepostos em papel emulsionado e exposto diretamente ao sol. Em 2017, realizei muitos trabalhos utilizando esse método de exposição, explorando várias possibilidades e efeitos nas composições.

3.2.1. Impressões em Cianotipia:



Fig. 27. Raylton Parga, *IMPRESSÕES EM CIANOTIPIA*, Exposição *A bordo*, em *Bordas*, 2022.

Impressões em cianotipia é a proposição artística construída para a exposição de diplomação *A bordo*, em *Bordas*. A série é composta de 12 cianotipias impressas recentemente no laboratório do VIS. O conjunto possui os mesmos suportes e todas em tamanhos A3. A proposta serial tem sido recorrente em outras montagens e ocasiões bem diferentes. As figuras dessa proposta remetem a rostos feitos com materiais coletados sem propósito definido, no entanto as formas foram se constituindo e criando essas imagens, tendo a fotografia como culminância. Esses trabalhos nascem das máscaras que venho fazendo na pandemia do

COVID19. Essas máscaras carregam diversos materiais descartáveis e banais como papelão, papel, panos, objetos, e tintas de diferentes cores.

A elaboração do negativo para impressão do fotolito se deu de forma híbrida, ou seja, foi uma junção do que já tinha em casa, como recortes de papel preto, um objeto de plástico na forma retangular com as laterais arredondadas e um elástico que veio de uma caixa qualquer. Com os mesmos materiais, foi acontecendo desdobramentos e assim criando diferentes figuras que lembram rostos e busto do corpo humano. São figuras que o olho arrisca a pensar que são figuras não humanas, mas que traz certa semelhança com os humanos ou mesmo podendo ser qualquer coisa que tenha vida e expressão.

Foram escolhidas três fotografias diferentes para realizar esse conjunto de trabalho, que foi desenvolvido entre os dias 08 e 13 de abril de 2022. Dos 15 cianótipos foram selecionados, por mim, os 12 melhores. A escolha se deu pela intensidade da cor e qualidade da revelação, deixando nítido os detalhes das figuras. O impulso em construir essa série vem da vontade de fazer e testar várias imagens com diferentes tempos de exposição, assim podendo montar um grande conjunto tonal desde o branco chegando ao azul profundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse Trabalho de Conclusão de Curso teve como objetivo abordar a cianotipia de forma sucinta a partir de meu percurso de graduação durante os 6 anos de universidade. A prática e o domínio da técnica, o conhecimento histórico e as referências artísticas contemporâneas foram chegando aos poucos e me conquistando e me direcionando cada vez mais para a pesquisa dessa linguagem tão fascinante.

Partindo das minhas experiências com a fotografia alternativa, percebi que seria possível desenvolver um trabalho poético e experimental visando as possibilidades que da técnica. Foi todo um processo de descoberta e aperfeiçoamento ao longo dos anos. Cada vez mais ela é usada para desenvolver trabalhos artísticos dentro de uma diversidade da arte contemporânea.

A cianotipia, sendo um processo experimental analógico, tem como ponto de partida uma formulação de simples preparo, não sendo perigoso à saúde. Sua utilização viva e continuada até os dias de hoje tem atraído estudantes, artistas e um público leigo que tem recebido muito bem essa nova, embora antiga, linguagem fotográfica. Foi o que ocorreu comigo em minha formação acadêmica, pois considero um ganho a mais no meu currículo.

Não imaginava que no futuro desenvolveria uma poética azul, logo quando tomei gosto comecei a utilizá-la em processos artísticos e não parei mais, só fui me aprimorando. Decidi fazer esse recorte sobre ela pois foi a linguagem/técnica que mais me identifiquei em toda graduação na Universidade de Brasília e lá tive a oportunidade de crescer e me aperfeiçoar cada vez mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abstract of A Partial Disassembling of an Invention Without a Future: Helter-Skelter and Random Notes in Which the Pulleys and Cogwheels Are Lying Around at Random All Over the Workbench. **Artland**. 2019. Disponível em: <<https://www.artland.com/exhibitions/abstract-of-a-partial-disassembling-of-an-invention-with-out-a-future-helterskelter-and-random-notes-in-which-the-pulleys-and-cogwheels-are-lying-a-round-at-random-all-over-the-workbench>>. Acesso em: 10 de março de 2022.

BRESSAN, Daniela. Foto Experimentos. Monografia de Bacharelado em Artes Plásticas. Brasília: Universidade de Brasília, 2015.

CALDEIRA, B. M; CAVALCANTI, V. B. S. História e Fotografia: do protótipo daguerreótipo ao papel de fonte visual no planejamento didático. *Cordis: Comunicação, Modernidade e Arquitetura*, n. 8, jan./jun. pp. 213-242, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/cordis/article/view/12928/9396>>. Acesso em: 15 de março de 2022.

FREITAS, Ana Maria. FOTOGRAFIA. 1ª Edição. Sobral/2017.

GERNSHEIM, Helmut. (1977) The 150th anniversary of photography, *History of Photography*, 1:1, 3-8, DOI: 10.1080/03087298.1977.10442876.

GIORGI, Fabio. Manual de cianotipia e papel salgado. Rio de Janeiro: Editora Ibis Libris Rio de Janeiro, 2017.

GIORGI, Fabio. Negativos de Papel – Mais um Detalhe. **Alternativa fotográfica**. Disponível em: <<https://alternativafotografica.wordpress.com>>. Acesso em: 24 de março de 2022.

HACKING, Juliet (Autor), David Company. Tudo sobre Fotografia. Rio de Janeiro: Editora SEXTANTE Rio de Janeiro, 2012.

MONFORTE, Luiz Guimarães. Fotografia pensante. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 1997.

OLIVEIRA, E. M. O pioneiro da fotografia no Brasil. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/oliveira-erivam-pioneiro-fotografia-brasil.pdf>>. Acesso em: 05 de abril de 2022.

PIPERGER, Justin. WALEAD BESHTY. **REGEN PROJECTS**. Disponível em: <<https://www.regenprojects.com/artists/walead-beshty?view=slider#20>>. Acesso em: 08 de abril de 2022.

SANTOS, G.B; CUNHA, S.P. Câmera escura estéreo: Construção e atividades experimentais. Caderno Brasileiro de Ensino de Física, v. 32, n. 3, pp. 879-901, 2015. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/2175-7941.2015v32n3p879/30642>>. Acesso em: 12 de abril de 2022.

SILVA, M. D. História da Fotografia: A câmara escura, o princípio da fotografia. PPGFCET. In.: Universidade Tecnológica Federal do Paraná. 2015 Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1264/8/CT_PPGFCET_M_Silva%20C%20Milene%20Dutra%20da_2015_6.pdf>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

VIANA, Cassiano. A história da fotografia seria mal contada não fosse por Boris Kossoy. **Itaú Cultural**. Disponível em: <itaucultural.org.br/a-historia-da-fotografia-seria-mal-contada-nao-fose-boris-kossoy>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

JANSEN, Catherine. Site da artista Jansen. Disponível em: <<http://www.catherinejansen.com/2/rooms.html>> Acesso em: 28 abr. 2019.

PATRICK, Heidikirk. Website da Artista. Disponível em: <<https://www.heidikirkpatrick.com/>>. Acesso em: 09 mai. 2020.

SOLDAN, Catie. Website do Artista. Disponível em: <<https://catiesoldan.com/>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

ANEXO

Proposta de oficina de fotografia experimental:

Público-alvo: Participantes de 15 a 50 anos. Grupos de até 10 pessoas.

Materiais: Papel com gramatura = 300 gm, químicos de cianotipia, fotolitos, materiais opacos, papel na cor preta para fazer as máscaras, plantas,

Atividades: Criação de imagem a partir de processo fotográfico: a cianotipia.

Duração: manhã das 8 horas às 12 horas e tarde das 14 horas às 18 horas.

Na oficina serão abordados os conceitos básicos de cianotipia e seu contexto histórico e a teoria dos fundamentos da fotografia. No decorrer da exposição teórica farei perguntas aos participantes sobre a finalidade da fotografia de forma geral, para assim estimular a reflexão teórica e prática de cada um.

Por que fazemos fotografia? Qual é a finalidade da fotografia nos dias de hoje? Além de expressão artística, a fotografia pode operar como um instrumento auxiliar da lembrança, pois é uma maneira de registrar instantes importantes de nossas vidas. Procuramos congelar, armazenar uma fração do tempo e perpetuar algo que amamos em imagens.

Pela fotografia podemos mostrar nossos contentamentos, momentos, pelo registro em relação a tudo que vivemos em nosso cotidiano nas nossas vidas de forma geral. Dessa forma a fotografia se torna em recurso político.

O que é necessário para que uma imagem fotográfica se forme ou aconteça? Dependendo de como fazer essa foto, o que não pode faltar?

Explicar de forma reduzida e de maneira lúdica, a história da fotografia, os conceitos das câmeras, os processos existentes, as primeiras imagens em preto e branco e a chegada da fotografia em cores e impressões e revelações.

O objetivo é o desenvolvimento das atividades relacionadas à fotografia experimental, expandindo os conhecimentos e as reflexões acerca do assunto. A cianotipia é um processo fotográfico histórico baseado nas propriedades fotossensíveis de alguns sais férricos na produção de uma imagem. Seu nome reside no fator econômico de sua produção e a única limitação são as tonalidades azuis.

Metodologia: os participantes poderão desenvolver de forma livre suas imagens fotográficas, escolher os objetos escolhidos, os recortes de papel preto ou

até mesmo os fotolitos. A finalidade é o aprendizado e a reflexão sobre as imagens e seus meios de criação. Introduzirei os ideais construtivistas de aprendizado e preceitos da proposta triangular da professora Ana Mae Barbosa (1936 -). Nela o professor age como mediador, propiciador de experimentos, e nunca como um vetor direto de saberes. Os conhecimentos são construídos pelo próprio aluno levando-se em consideração as suas motivações em internalizar o conteúdo e suas prévias experiências de vida.

Depois de falar brevemente sobre as questões mais teórica será apresentado obras de artistas em cianotipia, como por exemplo, a artista Anna Atkins, uma das precursoras da cianotipia. Seguiremos em direção à exposição prática; o momento da fruição.

O material será organizado previamente e, para o melhor entendimento da técnica, as pessoas verão uma demonstração de como realizar todo processo da cianotipia. O intuito é que cada pessoa na oficina realize pelo menos 4 impressões. Finalizada a segunda parte da oficina, pedirei que os participantes mostrem e avaliem, coletivamente, seus resultados e finalmente sistematizem os conhecimentos de tudo que foi aplicado.

O procedimento de uso da fórmula de um cianótipo, se dá da seguinte maneira:

1. Diluir 50g de citrato férrico amoniacal (de grãos verdes) em 250 ml de água destilada. A diluição pode ser feita em constante agitação;
2. Diluir 40 g de ferrocianeto de potássio em 250 ml de água destilada. Aqui também a diluição é feita em constante agitação;
3. Deixar a solução descansar por 15 minutos, e misturá-las em proporções iguais, na quantidade ideal para o trabalho que se deseja realizar;
4. Em um ambiente semi escuro e com o auxílio de um pincel macio, aplique a solução sobre a superfície do papel ou do suporte desejado em toda a área que será ocupada pelo negativo. Se preferir, deixe uma margem em torno da área de trabalho;
5. Após a aplicação do sensibilizador é necessário secar bem, pois é muito importante que o suporte esteja totalmente seco antes de ser exposto à luz. Papéis úmidos ocasionam manchas no negativo e no resultado final;
6. Expor a prensa com o papel sensibilizado, o negativo e a placa de vidro ao sol ou em uma mesa de luz específica. O tempo de exposição à luz é

indicado pela mudança de cor na área sensibilizada. O resultado deve apresentar uma imagem de cor azul-escuro;

7. Revelar em banhos de água corrente durante alguns minutos até que se perceba que a imagem não está com resíduos químicos;
8. Pendurar os papéis em um varal com pregadores de madeira para a secagem total;

Atenção: Após a secagem, manter as cianotipias em um envelope, pois os químicos continuam reagindo por volta de três dias intensificando a cor azul nas imagens.